

Elle Kennedy

Autora bestseller da Série Off-Campus

UMA BOA RAPARIGA



TOP
SEL
LER

CAPÍTULO 1

Cooper

Já não posso ver *Jägerbombs* à frente. Ontem, passei o dia agarrado ao liquidificador, a aviar *piña coladas* e daiquiris de morango como um escravo. Hoje, vodca *Red Bull* e *Fireballs*. Sem esquecer o *rosé*. Estes parvalhões e o seu *rosé*. Todos a lançarem-se contra o bar, nas suas camisas de linho em tons pastel e cortes de cabelo de trezentos dólares, pedindo bebidas aos gritos. Está demasiado calor para esta merda.

Em Avalon Bay, as estações são marcadas por um ciclo infinito de êxodo e invasão. Da mesma forma que as marés se tornam uma tempestade: acaba o verão e começa a agitação. Turistas queimados pelo sol enfiam as malas e os filhos cobertos de açúcar nos seus monovolumes e partem para o interior, de volta aos seus subúrbios e cubículos, sendo rapidamente substituídos por uma vaga de fedelhos da faculdade com os seus bronzeados falsos — exércitos de clones que regressam à Universidade Garnet. São estes os filhos dos ricos, cujos palácios junto à costa tapam a vista do mar aos desgraçados como eu que sobrevivem com os trocos que lhes caem dos bolsos.

— Ei, meu, seis shots de tequila! — ladra um dos clones, arremessando um cartão de crédito para cima da madeira molhada e pegajosa do balcão, a tentar impressionar-me. Na verdade, é só mais um imbecil típico da Garnet, saído diretamente de um catálogo da *Sperry*.

— Lembra-me porque é que fazemos isto — digo à Steph, reunindo vários copos de whisky cola em cima do balcão para ela levar.

Ela enfia a mão no soutien e levanta um seio de cada vez, fazendo-os parecer maiores dentro da sua camisola de alças preta que diz *Bar da Praia do Joe*.

— Pelas gorjetas, Coop.

Certo. Nada se gasta mais depressa do que o dinheiro dos outros. Meninos ricos a arrotar notas num desafio de aparente superioridade graças ao cartão de crédito do papá.

Os fins de semana no passeio marítimo são como o Carnaval. Hoje é a última sexta-feira antes de se iniciar o segundo semestre na Garnet, o que significa três dias seguidos de festa até segunda-feira de manhã, com os bares a rebentar pelas costuras. Estamos praticamente a imprimir dinheiro. Não é que eu tencione fazer isto para sempre. Faço uns biscates aqui aos fins de semana para poupar umas notas extra e poder deixar de trabalhar para os outros, tornar-me o meu próprio patrão. Assim que poupar o suficiente, ponho-me a andar deste bar de uma vez por todas.

— Tem cuidado contigo — digo à Steph, enquanto ela põe as bebidas na bandeja. — Grita se precisares que pegue no taco.

Não seria a primeira vez que daria uma sova a alguém que não aceita um não como resposta.

Nestas noites, sente-se uma energia diferente. Uma humidade tão densa que podemos besuntar-nos de ar salgado como se fosse protetor solar. Corpos sobre corpos, zero inibições, e testosterona cheia de tequila e más intenções.

Felizmente, a Steph é uma miúda rija.

— Eu dou conta do recado.

Pegando nas bebidas, pisca-me o olho, põe um sorriso no rosto e dá meia-volta, o rabo de cavalo comprido e preto a balouçar.

Não sei como é que ela aguenta estes tipos sempre a apalpá-la. Quer dizer, eu próprio recebo a minha dose de atenção feminina. Algumas são bastante atrevidas, e demasiado simpáticas. Mas, com as miúdas, atiramos-lhes um sorriso e um shot, elas riem-se para

as amigas e deixam-nos em paz. Estes tipos, os otários da equipa de remo e os engatatões da Greek Row, não. A Steph está constantemente a ser agarrada e apalpada e a ouvir todo o tipo de obscenidades que lhe são segredadas ao ouvido acima da música aos altos berros. Em sua defesa, ela raramente esmurra alguém.

É um trabalho árduo, este de satisfazer os parasitas sazonais, esta espécie invasiva que consome os habitantes locais, que nos chupa até ao tutano e deixa para trás o seu lixo.

E, no entanto, esta cidade praticamente não existiria sem eles.

— Oi! Manda aí esses shots! — ladra novamente o clone.

Aceno com a cabeça, como que a dizer *É para já*, quando o que quero realmente dizer é *Olha para mim a ignorar-te de propósito*. Mas um assobio ao fundo do bar chama-me a atenção.

Os locais têm prioridade. Sem exceção. Seguem-se os clientes habituais que deixam boas gorjetas, as pessoas educadas, as gajas boas, as velhotas, e depois o resto destes imbecis balofos. Numa das extremidades do bar, sirvo um shot de *bourbon* à Heidi e preparo outro para mim. Bebemos e sirvo-lhe mais um.

— O que é que estás a fazer aqui? — pergunto, pois nenhum habitante local com um pingo de amor-próprio passaria pelo passeio marítimo esta noite. Há demasiados clones a estragar o ambiente.

— Vim deixar as chaves da Steph. Tive de passar em casa dela. — A Heidi era a rapariga mais bonita do primeiro ano, e pouco mudou desde então. Mesmo com uns calções esfarrapados e um top curto azul liso, é sem dúvida a mulher mais atraente deste bar. — És tu quem fecha hoje o bar?

— Já, provavelmente não saio daqui antes das três.

— Queres passar lá em casa a seguir?

A Heidi põe-se em bicos de pés, inclinando-se sobre o bar.

— Népia, amanhã faço dois turnos. Preciso de dormir.

Ela amua. A brincar, ao início, e depois mais seriamente, ao perceber que não estou interessado em enrolar-me com ela esta noite. Enrolámo-nos algumas vezes no início do verão, mas tornar isso um hábito com uma das minhas melhores amigas começa a parecer-se

demasiado com uma relação, e não estou para aí virado. Continuo à espera de que ela perceba isso e deixe de me tentar aliciar.

— Ei. Ei! — O bacano louro e impaciente tenta fazer-me sinal desde a outra ponta do bar. — Juro, pá, dou-te uma nota de cem dólares por uma merda de um shot.

— É melhor voltares ao trabalho — diz a Heidi com um sorriso sarcástico, soprando-me um beijo.

Levo o meu tempo até chegar a ele. Acabadinho de sair do tapete rolante da fábrica de clones: um boneco Ken betinho e estandardizado, com risco ao lado e o melhor sorriso que o seguro dentário consegue pagar. Ao seu lado estão os seus parceiros, feitos do mesmo molde e cuja noção de trabalho manual é terem de limpar o próprio rabo.

— Mostra lá — desafio-o.

O clone atira uma nota de cem dólares com a figura de Benjamin Franklin. Tão orgulhoso de si. Sirvo-lhe apenas um shot de whisky, porque não me lembro do que ele pediu, e empurro-o na sua direção. Ele solta a nota para pegar no copo. Agarro-a rapidamente e meto-a no bolso.

— Eu pedi seis shots — diz ele, presunçoso.

— Dá cá mais quinhentos, que eu sirvo-os.

Fico à espera de que ele se queixe ou que tenha um ataque de fúria. Em vez disso, ri-se, agitando um dedo na minha direção. Para ele, isto é um pouco da cor local encantadora que eles vêm aqui procurar. Meninos ricos adoram ser enrolados.

Para minha surpresa absoluta, este desmiolado saca mais cinco notas de um maço e pousa-as no balcão.

— O melhor que tiveres — diz ele.

O melhor que este bar tem em armazém é um *Johnnie Walker Blue* e uma tequila cujo nome não consigo pronunciar. Portanto, finjo-me impressionado e subo a um banco para tirar a garrafa poeirenta de tequila da prateleira de cima, porque, pronto, eu lembrava-me do que ele tinha pedido, e sirvo os seus shots caríssimos.

Nisto, o Riquinho fica satisfeito e vai sentar-se a uma mesa.

O meu amigo Lenny, o barman, olha para mim de lado. Eu sei que não devo encorajar este tipo de comportamento. Parece validar a ideia de que estamos à venda, que eles são donos da cidade. Mas que se lixe, não hei de ficar a servir bebidas até morrer. Tenho planos mais ambiciosos.

— A que horas estás livre? — ronrona uma voz feminina à minha esquerda.

Viro-me devagar, à espera do resto. Normalmente, à pergunta segue-se uma de duas opções: «Porque quero que *me* faças sentir *livre*.» Ou: «Porque mal posso esperar para *te libertar*.»

A frase que se segue é uma maneira fácil de saber se nos calha uma mulher egoísta na cama ou uma que adora fazer broches.

Nenhuma das duas é uma frase de engate particularmente original, mas ninguém disse que os clones que invadem a Bay todos os anos eram originais.

— Então? — insiste a loura, e eu apercebo-me de que não me vai presentear com uma frase pirosa.

— O bar fecha às duas — respondo descontraidamente.

— Vem sair connosco quando acabares — insiste. Ela e a amiga têm ambas um cabelo sedoso, corpos perfeitos e a pele radiante de quem passou o dia ao sol. São giras, mas não estou com disposição para o que me estão a oferecer.

— Desculpem, não posso — respondo. — Mas vejam se encontram uma pessoa igualzinha a mim. O meu irmão gémeo anda algures por aí. — Agito a mão na direção da concentração de corpos que enchem o bar como sardinhas enlatadas. — Tenho a certeza de que ele iria adorar entreter-vos.

Faço isto porque sei que vai irritar o Evan. Embora, por outro lado, talvez ele me agradeça. Ele também despreza os clones, mas não se opõe quando as princesas ricas ficam nuas. Juro, o Evan anda a tentar dormir com toda a gente nesta cidade. Diz que se sente «entediado». Deixo-o pensar que acredito nele.

— Oh, meu Deus, há dois iguais? — Quase de imediato, ambas as raparigas ficam com um brilho no olhar.

Pego num copo e atiro alguns cubos de gelo lá para dentro.

— Já. Chama-se Evan — acrescento, de forma prestável. — Se o encontrarem, digam-lhe que vão da parte do Cooper.

Quando finalmente se vão embora com os seus cocktails de fruta na mão, respiro de alívio.

Trabalhar num bar é mesmo um trabalho de merda.

Empurro um whisky com gelo na direção do tipo magrinho que mo pediu e recebo o seu dinheiro. Passo a mão pelo cabelo e respiro fundo antes de passar para o próximo cliente. Durante grande parte da noite, as massas embriagadas conseguem controlar-se. Daryl, o porteiro, expulsa todos os que possam vir a vomitar, enquanto eu e o Lenny afastamos à porrada qualquer idiota que tente passar para trás do balcão.

Fico de olho na Steph e nas outras empregadas enquanto elas lidam com a multidão. A Steph tem uma mesa cheia de tipos da Garnet a salivar-lhe para cima. Está a sorrir, mas eu conheço aquele olhar. Quando tenta afastar-se, um deles agarra-a pela cintura.

O meu olhar estreita-se. É o mesmo tipo a quem saquei as seis notas.

Estou já dobrado sobre o balcão quando o olhar dela encontra o meu. Como se soubesse o que está prestes a acontecer, ela abana a cabeça. Depois, dissimuladamente, solta-se do cretino atrevido e regressa ao bar.

— Queres que os mande embora? — pergunto-lhe.

— Não. Eu dou conta deles.

— Eu sei. Mas não tens de o fazer. Saquei seiscentos paus àqueles otários. Divido contigo. Deixa-me livrar-me deles.

— Está tudo bem. Dá-me só três *Coronas* e dois *Jäg...*

— Nem te atrevas a dizê-lo. — Todo o meu corpo estremece com aquela palavra. Se nunca mais sentir o cheiro daquela merda preta nojenta, não me importo nada. — Tenho de arranjar uns tampões para o nariz.

— Estás mesmo traumatizado. — Ela ri-se, olhando para mim a sofrer enquanto sirvo.

— Devia receber um subsídio de risco. — Acabo de servir e empurro as bebidas na sua direção. — A sério, se aqueles tipos não pararem quietos com as mãos, eu vou lá.

— É na boa. Mas, porra, quem me dera que se fossem embora. Não sei quem é o pior esta noite: o Sr. Mãozinhas ou o finalista na esplanada a chorar porque o paizinho não cumpriu a promessa de lhe comprar um iate no final do curso.

Abafo o riso.

A Steph afasta-se com um suspiro e uma bandeja recheada de bebidas.

Durante quase uma hora, nem levanto o olhar. O bar está tão cheio que as caras se turvam numa mancha de corpos, e tudo o que faço é servir e passar cartões de crédito até estar em transe, quase sem dar conta das minhas ações.

Quando volto a olhar para a Steph, vejo o Riquinho a tentar convencê-la a dançar com ele. Ela parece uma pugilista, balançando-se e ziguezagueando para se afastar do tipo. Não consigo perceber as suas palavras exatas, mas é fácil adivinhar: *Estou a trabalhar, deixa-me voltar ao trabalho, não posso dançar contigo, estou a trabalhar.*

Está a tentar ser educada, porém, o seu olhar inflamado diz-me que está saturada.

— Len — chamo, acenando na direção da cena. — Venho já.

Ele acena de volta. Nós cuidamos dos nossos.

Aproximo-me rapidamente, ciente da minha figura ameaçadora. Tenho um metro e oitenta e sete, não faço a barba há vários dias e estou a precisar de um corte de cabelo. Com sorte, sou suficientemente ameaçador para desencorajar estes tipos de fazerem alguma estupidez.

— Está tudo bem por aqui? — pergunto assim que chego perto do grupo. O meu tom implica que sei que não está e que é melhor ele parar ou mando-o embora com um chuto no cu.

— Baza, feirante — diz um deles.

O insulto passa-me ao lado. Estou habituado.

Ergo uma sobranceira.

— Não vou sair daqui até a minha colega dizer para eu sair. — Olho para a mão do Riquinho, agarrada ao braço da Steph. — Ela não está aqui para ser apalpada por meninos ricos.

O tipo tem o bom senso de tirar a mão. A Steph aproveita a deixa para passar para o meu lado.

— Vês? Está tudo bem. — Ele sorri com desprezo. — Aqui não há donzelas em perigo a precisarem de ser salvas.

— É bom que continue assim. — Assinalo o aviso com um dos meus sorrisos sarcásticos. — E vê se controlas essas mãozinhas.

Eu e a Steph estamos prestes a virar costas quando um copo se parte.

Não importa quão cheio está um bar, quão a abarrotar de corpos para amortecer o som; quando um copo se parte no chão, nos segundos imediatamente a seguir podem ouvir-se as asas de um beija-flor a bater a dois distritos de distância.

Toda a gente se vira. Um dos amigos do Riquinho, o que deixou cair o copo, pestaneja de maneira inocente quando eu olho para ele.

— Ups — diz.

Risos e aplausos esmagam o silêncio momentâneo. A conversa volta a crescer e a atenção coletiva do bar regressa ao seu divertimento embriagado.

— Por amor de Deus — murmura a Steph. — Volta para o bar, Coop. Eu trato disto.

Ela afasta-se com uma expressão irritada, enquanto o grupo dos otários nos dispensa da sua presença sagrada, continuando a conversar ruidosamente e a rir entre si.

— Tudo bem? — pergunta o Lenny quando volto ao bar.

— Não tenho a certeza.

Olho para o grupo, franzindo o sobrolho, e reparo que o seu líder já não está com eles. Onde raio se meteu?

— Não... — digo lentamente. — Não me parece nada bem. Dá-me mais um segundo.

Volto a deixar o Lenny a manejar sozinho os postos de batalha e saio de trás do balcão para ir procurar a Steph. Dirijo-me às traseiras,

assumindo que ela terá ido buscar uma vassoura para varrer os vidros do copo partido.

É aí que ouço: «Larga-mel!»

Apresso-me a virar a esquina, sentindo o queixo contrair-se, e identifico o polo em tom pastel do Riquinho, a encurralar a Steph ao fundo do corredor curto e estreito onde fica o armazém. Quando ela tenta esquivar-se, ele atravessa-se no seu caminho, agarrando-lhe o pulso. A sua outra mão desce e tenta agarrar-lhe o rabo.

Népia, que se lixe.

Avanço na sua direção e puxo-o pelo colarinho. Um segundo depois, atiro-o ao chão pegajoso.

— Sai daqui — rosno.

— Cooper.

A Steph agarra-me, embora sinta a sua gratidão no olhar. Sei que está agradecida por a ter defendido.

Afasto-a, porque tudo tem limites.

— Levanta-te e baza — digo ao arruaceiro surpreendido.

Ele berra palavrões furiosos enquanto se levanta.

Como as casas de banho são mesmo na esquina, a cerca de três metros, não demora muito até os seus gritos de indignação atraírem espectadores. Um grupo de amigas da faculdade apressa-se a chegar, aos gritinhos, seguido de outros curiosos.

Rapidamente, o corredor enche-se de outras vozes.

— Pres! Meu, estás bem?

Dois dos seus amigos irrompem pela multidão. Posicionam-se de peito feito ao seu lado, flanqueando o seu campeão, pois, se forem expulsos à frente destas pessoas todas, será um longo ano a beberem sozinhos em casa.

— Qual é o teu problema, pá? — cospe o apalpador, fulminando-me com o olhar.

— Não há problema nenhum — respondo, cruzando os braços.
— Estou só a pôr o lixo na rua.

— Sentes o cheiro, Preston? — diz o amigo ao Riquinho, com um sorriso provocador. — Alguma coisa cheira mal aqui.

— Aquilo lá fora é um contentor ou é a tua caravana? — goza o outro.

— Dá dois passos em frente e diz lá isso outra vez — encorajo-os, porque, sei lá, estou aborrecido e as fronhas destes tipos estão mesmo a pedir para serem esmurradas.

Avalio as minhas hipóteses. São três para um, e eles não são magricelas — cada um tem cerca de um metro e oitenta, mais ou menos a minha altura. Podiam ser parte de uma equipa de polo aquático patrocinada pela *Brooks Brothers*. Já eu, trabalho para ganhar a vida, e estes músculos não são só para mostrar. Tenho boas hipóteses.

— Coop, para. — A Steph empurra-me para o lado e põe-se entre nós. — Esquece. Eu trato disto. Volta para o bar.

— Já, *Coop* — provoca o Preston. Depois, para os seus amiguinhos: — Nenhuma boazona local vale tanta chatice.

Olho para a Steph e encolho os ombros. Este palerma riqueza devia ter-se ido embora quando teve oportunidade.

Enquanto se ri, tão convencido da sua superioridade, estendo a mão, agarro o seu polo *Ralph Lauren* pelo colarinho e dou-lhe um murro mesmo no meio da cara.

Ele cambaleia, chocando contra os amigos, que o empurram para mim. A sangrar, lança-se como uma criatura no terceiro ato de um filme de terror, tentando atacar-me e a pingar sangue. Lançamo-nos na direção das raparigas da faculdade, que estão aos gritos, até batermos contra a parede. O velho telefone público, que não funciona há quinze anos, crava-se nas minhas costas, dando ao Preston a oportunidade de me dar um murro bem assente no queixo. Consigo inverter as nossas posições, imobilizando-o contra a parede. Estou prestes a partir-lhe a cara toda quando o Joe, o dono do bar, juntamente com o Daryl e o Lenny, pegam em mim e me arrastam dali para fora.

— Estupor de merda — balbucia. — Fazes ideia de quão lixado estás?

— Já chega! — grita o Joe. O veterano do Vietname, de barba *hippie* grisalha e rabo de cavalo, aponta um dedo gordo ao Preston. — Vai-te embora daqui. Não quero pancadaria no meu bar.

— Exijo que despeça este psicopata — ordena o Preston.

— Vai à merda.

— Coop, está calado — diz o Joe, pedindo ao Lenny e ao Daryl que me soltem. — Vou descontar do teu salário.

— A culpa não foi do Coop — diz a Steph ao nosso patrão. — Este tipo não me largava. Depois, seguiu-me até ao armazém e encurralou-me no corredor. O Cooper estava a tentar pô-lo na rua.

— Sabe quem é o meu pai? — Apertando o nariz a escorrer sangue, o Preston ferve de raiva. — O banco dele é dono de metade dos edifícios deste passeio marítimo nojento. Basta uma palavra minha para a sua vida ficar muito complicada.

O Joe comprime os lábios.

— O seu empregado atacou-me — continua o Preston, furioso. — Não sei como é que gere esta espelunca, mas, se isto acontecesse noutra lado qualquer, o agressor já teria sido despedido. — O seu sorriso afetado faz vibrar os meus punhos. Quero estrangulá-lo com as minhas próprias mãos. — Por isso, ou resolve este assunto, ou eu pego no telefone e ligo ao meu pai para que o resolva por si. Sei que já é tarde, mas não se preocupe, ele está acordado. É noctívago. — O seu sorriso cresce. — Foi assim que fez os seus milhões.

Há um longo momento de silêncio.

O Joe suspira, virando-se para mim.

— Estás a gozar — digo, estupefacto.

Eu e o Joe conhecemo-nos há muito tempo. Eu e o meu irmão costumávamos ajudar no bar durante o verão, quando andávamos no secundário. Ajudámo-lo a reconstruí-lo depois de dois furacões. Fui com a filha dele ao baile de finalistas, por amor de Deus.

Com um ar resignado, ele afaga a barba.

— Joe. A sério, meu. Vais deixar um destes tipos dizer-te como tomar conta do teu bar?

— Desculpa — diz o Joe, por fim, abanando a cabeça. — Tenho de pensar no meu negócio. Na minha família. Desta vez foste longe demais, Coop. Tira o que te devo pelo trabalho de hoje da caixa registadora. Amanhã de manhã passo-te um cheque.

Satisfeito consigo mesmo, o Riquinho lança-me um olhar de desprezo.

— Estás a ver, tanso? É assim que funciona o mundo real. — Atira um maço de notas sujo de sangue para cima da Steph e cospe uma mistura espessa de sangue e muco. — Toma. Limpa lá isso, minha linda.

— Isto não fica assim — digo ao Preston, enquanto ele e os amigos se afastam.

— Acabou antes de começar — responde maliciosamente por cima do ombro. — És o único que não percebeu isso.

Olhando para o Joe, adivinho-lhe a derrota no olhar. Ele já não tem força ou vontade de entrar nestes confrontos. É assim que nos vencem. Aos poucos. Quebrando-nos até estarmos tão cansados que já não aguentamos mais. Depois, tiram-nos as nossas terras, os nossos negócios e a nossa dignidade das nossas mãos moribundas.

— Sabes — digo ao Joe, pegando no dinheiro e pondo-o na sua mão —, sempre que um de nós cede a um deles, pomo-nos a jeito para nos lixarem da próxima vez.

Mas... não. Que se lixe a «próxima vez». Para estas pessoas, não vai haver próxima vez.

CAPÍTULO 2

Mackenzie

Desde que saí de casa dos meus pais em Charleston esta manhã, estou com uma sensação estranha e crescente na parte de trás da cabeça, incitando-me a dar meia-volta. Desaparecer. Fugir. Juntar-me ao proverbial circo e *revoltar-me, revoltar-me* contra o esmorecer do ano que tirei antes de ir para a faculdade.

Agora, enquanto o táxi atravessa o túnel de carvalhos até Tally Hall, no *campus* da Universidade Garnet, apodera-se de mim um pânico profundo.

Isto está mesmo a acontecer.

Do outro lado do relvado e das filas de carros, caloiros entusiasmados e os seus pais carregam caixotes até ao edifício de tijolo vermelho que se estende por quatro andares. As filas de janelas e o telhado são emoldurados por acabamentos brancos, uma das características distintas de um dos cinco edifícios originais deste *campus* histórico.

— Já volto para vir buscar as caixas — digo ao motorista. Ponho a mochila ao ombro e pouso o trólei no chão. — Só quero ter a certeza de que estou no sítio certo.

— Sem problema. Esteja à vontade. — Ele está tranquilo, provavelmente porque os meus pais lhe pagaram uma taxa generosa para ser meu motorista durante o dia inteiro.

Quando passo sob o enorme candeeiro de ferro pendurado sobre a porta principal, sinto-me como uma fugitiva capturada, a regressar

depois de um ano em fuga. Foi demasiado bom para durar. Como é suposto voltar aos trabalhos de casa e aos testes, com a vida a ser ditada por professores e programas de estudos, quando fui dona de mim mesma durante os últimos doze meses?

Uma mãe detém-me nas escadas para me perguntar se sou a orientadora da residência. Excelente. Sinto-me arcaica. A tentação de dar meia-volta e ir-me embora fervilha-me novamente no estômago, mas faço por ignorá-la.

Subo até ao quarto andar, onde os dormitórios são um pouco maiores e melhores, para aqueles pais dispostos a alavancar capital no valor do PIB de uma pequena nação insular. De acordo com o e-mail no meu telemóvel, vou ficar no quarto 402.

No interior, uma pequena sala e kitchenette separam dois quartos. O quarto do lado esquerdo tem uma cama vazia com uma secretária e cómoda a condizer. À direita, passando a porta escancarada, vejo uma loura com um par de calções de ganga cortados e sem camisola a abanar-se e a balançar enquanto arruma a roupa em cabides.

— Olá? — digo, tentando chamar a sua atenção. Pouso as malas no chão. — Oi?

Ela continua sem me ouvir. Timidamente, aproximo-me e toco-lhe no ombro. Ela assusta-se e cobre a boca com as mãos para não gritar.

— Fogo, assustaste-me! — diz, num forte sotaque sulista. Ofegante, tira os auriculares sem fios dos ouvidos e enfia-os nos bolsos. — Quase fiz chichi nas cuecas.

As mamas dela estão mesmo ali, em toda a sua glória despida, e ela não faz qualquer esforço para se cobrir. Tento olhá-la nos olhos, mas parece esquisito, por isso, dirijo a minha atenção para a janela.

— Desculpa entrar assim. Não esperava... — *Encontrar a minha companheira de casa envolvida na primeira cena de um porno amador.*

Ela encolhe os ombros, sorrindo.

— Na boa.

— Eu posso, hum, voltar daqui a pouco, se...?

— Não, tudo bem — assegura-me.

Não consigo evitar olhar para ela, de mãos nas ancas, apontando-me os máximos.

— Havia alguma opção de nudismo no formulário de alojamento que possa ter assinalado sem querer?

Ela ri-se, mas pega finalmente numa camisola de alças.

— Gosto de limpar as energias. Uma casa não é realmente um lar até andarmos nus lá dentro, certo?

— As persianas estão abertas — observo.

— Assim não fico com marcas de bronzeado — responde, piscando o olho. — Sou a Bonnie May Beauchamp. Parece que somos companheiras de dormitório.

— Mackenzie Cabot.

Ela esmaga-me num abraço apertado. Por norma, isto seria um grave ataque aos meus limites pessoais. Mas, por alguma razão, não me sinto incomodada com esta rapariga. Se calhar é bruxa. Hipnotizou-me com o seu peito enfeitado. Ainda assim, gosto da onda dela.

As suas feições são suaves e redondas, e tem uns enormes olhos castanhos, assim como um sorriso rasgado, branco e brilhante, ao mesmo tempo não ameaçador para as mulheres e afável para os homens. É como uma irmã mais nova. Mas com mamas.

— Onde é que estão as tuas coisas? — pergunta ela, soltando-me.

— O meu namorado passa cá mais tarde com a maior parte. Tenho algumas coisas no carro lá em baixo. O motorista está à minha espera.

— Eu ajudo-te.

Não é muita coisa, apenas algumas caixas, mas agradeço a disponibilidade e a companhia. Pegamos nas caixas e atiramo-las para dentro do quarto, depois passeamos pelos corredores para conhecer o ambiente.

— És da Carolina do Sul? — pergunta a Bonnie.

— Charleston. E tu?

— Sou da Geórgia. O meu pai queria que eu fosse para a Georgia State, mas a minha mãe andou na Garnet, por isso, fizeram uma aposta no resultado de um jogo de futebol e aqui estou eu.

No terceiro andar, vemos um rapaz a carregar uma mochila térmica com *frosé* que tenta oferecer-nos um copo em troca dos nossos números de telefone. Os seus braços, peito e costas estão cobertos de rabiscos de marcador permanente preto, a maioria dos números sem um ou dois algarismos. Certamente, todos falsos.

Recusamos a oferta e sorrimos uma para a outra, deixando-o pelo caminho.

— Foste transferida de algum lado? — pergunta a Bonnie, enquanto continuamos a andar pelo bazar de microcomunidades. — Quer dizer, não leves a mal nem nada, mas não pareces caloirá.

Eu sabia que isto ia acontecer. Sinto-me como uma monitora de um campo de férias. Sou dois anos mais velha do que os meus pares por causa do ano de intervalo antes da faculdade e por ter começado o infantário um ano mais tarde, porque os meus pais preferiram estender uma viagem de barco pelo Mediterrâneo do que voltar para casa para eu começar a escola.

— Tirei um ano. Fiz um acordo com os meus pais: iria para qualquer faculdade à sua escolha se me deixassem primeiro trabalhar na minha empresa. — No entanto, se dependesse de mim, teria saltado todo este capítulo do meu período formativo.

— Tens uma empresa própria? — pergunta a Bonnie, de olhos arregalados. — Eu passei o verão todo a ver maratonas de *Vanderpump* e em festas no lago.

— Criei um website e uma aplicação — admito. — Quer dizer, não é nada de especial. Não é como se tivesse fundado a Tesla.

— Que tipo de aplicação?

— É um site onde as pessoas publicam histórias engraçadas ou embaraçosas sobre os namorados. Começou por ser uma brincadeira com uns amigos do secundário, mas depois a coisa cresceu. No ano passado, lancei outro site onde as pessoas podiam publicar sobre as namoradas.

No último ano, o que começou por ser um blogue pessoal cresceu para incluir um gestor de publicidade, moderadores do site e uma equipa de marketing. Tenho uma folha de pagamentos, impostos

e sete algarismos na conta corrente da empresa. Além de tudo isto, esperam que me preocupe com ensaios e exames? Um acordo é um acordo, e eu sou uma pessoa de palavra, mas esta história da faculdade parece-me uma perda de tempo.

— Oh, meu Deus, eu conheço esse site. — Entusiasmada, a Bonnie dá-me uma palmada no braço. Os seus dedos parecem varetas de metal. — *BoyfriendFails!* Caraças. Eu e as minhas amigas já pas-sámos mais tempo a ler esses posts no último ano do secundário do que a fazer os trabalhos de casa. Qual era aquela? Sobre o namorado que teve uma intoxicação alimentar depois de um encontro e o pai da rapariga estava a levá-los a casa quando o gajo teve um ataque de diarreia no banco traseiro!

Ela parte-se a rir, completamente histérica. Esboço um sorriso, porque me lembro bem desse post. Teve mais de trezentos mil cliques, milhares de comentários e o dobro das receitas de publicidade de qualquer outro post desse mês.

— Uau — diz ela, assim que recupera a compostura. — Fazes mesmo dinheiro com essas coisas?

— Sim, por ter publicidade. Faz-se bastante dinheiro. — Encolho os ombros com modéstia.

— Que fixe. — A Bonnie faz beicinho. — Estou com inveja. Eu não faço ideia do que estou a fazer aqui, Mac. Posso chamar-te Mac? Ou preferes Mackenzie? Mackenzie soa *tão* formal.

— Podes chamar-me Mac — digo, tentando não me rir.

— A seguir ao secundário, a faculdade é uma coisa que se deve fazer, percebes? Mas, caramba, não faço ideia de que curso tirar ou o que quero ser quando for grande.

— As pessoas costumam dizer que a faculdade é para onde vamos para nos encontrarmos.

— Pensava que isso era a Cidade do Panamá.

Abafo um risinho. Gosto mesmo desta rapariga.

Cerca de uma hora depois, o meu namorado aparece com o resto dos caixotes. Já não nos víamos há semanas. Tive uma quantidade

absurda de trabalho na empresa antes de poder passá-la à minha nova equipa a tempo inteiro, por isso, nem tive tempo para visitar o Preston. Nunca estivemos tanto tempo sem nos vermos desde que a sua família foi passar férias ao lago de Como.

Sugeri arranjar-mos um apartamento juntos fora do *campus* universitário, mas o Preston gozou logo com isso. Porque haveria de se sujeitar a condições de alojamento medíocres quando em casa tem uma piscina, um cozinheiro particular e uma empregada? Não consegui responder-lhe de uma forma que não parecesse condescendente. Se a independência dos nossos pais não é motivo suficiente para irmos viver juntos, não sei o que dizer.

A independência tem sido a minha única motivação desde a escola secundária. Viver com a minha família era como afundar-me em areias movediças — situação que me teria engolido por completo se eu não tivesse arrancado o meu próprio cabelo para fazer uma corda e sair dali. Não fui feita para pertencer a ninguém. Talvez seja por isso que não me sinto dominada por um profundo desejo ou por aquela súbita torrente de excitação quando o namorado que não vejo há mais de um mês entra no meu quarto com o primeiro carregamento de caixas depois de algum tempo separados.

Não é que não tenha tido saudades dele ou que não esteja feliz por ele estar aqui. Só que... lembro-me de ter tido paixonetas na preparatória em que o intervalo de tempo entre ver um rapaz ao almoço e a última aula parecia uma eternidade que dilacerava o meu pobre coração adolescente. Talvez tenha crescido. Eu e o Preston estamos confortáveis. Estáveis. Praticamente como um velho casal.

A estabilidade tem muito que se lhe diga.

— Oi, miúda. — Ligeiramente transpirado por ter subido quatro lanços de escadas, o Pres envolve-me num abraço apertado e beijame na testa. — Tive saudades tuas. Estás linda.

— Tu também.

A atração não é seguramente um problema; o Preston é um bonito de primeira. É alto, elegante, mas de porte atlético. Uns olhos azuis deslumbrantes que ficam incrivelmente brilhantes quando

lhês bate o sol. Um rosto anguloso clássico que chama a atenção onde quer que vá. Desde a última vez que o vi, cortou o cabelo louro; está um pouco mais comprido em cima e curto nos lados.

Quando vira ligeiramente a cabeça, reparo que tem nódoas negras na cara, ao pé do nariz e do olho direito.

— O que é que te aconteceu? — pergunto, alarmada.

— Ah, sim. — Ele toca no olho e encolhe os ombros. — Estava a jogar basquetebol com o pessoal no outro dia e levei com uma bola na cara. Não é nada.

— De certeza? Parece ter doído.

Sinceramente, está com péssimo aspeto, como se tivesse um ovo queimado a escorrer-lhe pela cara.

— Estou bem. Olha, antes que me esqueça. Comprei-te uma coisa.

Ele enfia a mão no bolso de trás das calças caqui e tira um cartão de plástico com as palavras *BIG JAVA* escritas.

Aceito o cartão de oferta.

— Obrigada, amor. Isto é para aquele café no *campus*?

Ele acena, sério.

— Achei que era o melhor presente de «boas-vindas à faculdade» para uma viciada em café como tu. Pus-lhe alguns milhares de dólares, não precisas de te preocupar.

Na kitchenette, a Bonnie, ouvindo às escondidas, engasga-se.

— Alguns *milhares*? — grita.

Está bem, dois mil dólares em café é um pouco excessivo, mas uma das coisas que adoro no Preston é o facto de ele ser atencioso. Conduziu três horas até casa dos meus pais para ir buscar as minhas coisas sozinho, depois fez o caminho todo até ao *campus*, sempre com um sorriso. Ele não se queixa nem me faz sentir um fardo. Fá-lo para agradar. Querer agradar tem muito que se lhe diga.

Olho de relance para a minha companheira de casa.

— Bonnie, este é o meu namorado, o Preston. Pres, esta é a Bonnie.

— Prazer em conhecer-te — diz ele, com um sorriso sincero. — Vou buscar o resto das caixas da Mac, mas, depois, que tal levar-vos a almoçar?

— Concordo — responde a Bonnie. — Estou esganada.

— Boa ideia — digo. — Obrigada.

Assim que ele sai, a Bonnie faz um sorriso pateta e um sinal de aprovação.

— Bem jogado. Há quanto tempo estão juntos?

— Há quatro anos. — Sigo-a até à casa de banho partilhada para darmos um jeito ao cabelo e nos arranjarmos para o almoço. — Andámos na mesma escola secundária. Quando eu andava no segundo ano, ele era finalista.

Conheço o Preston desde que éramos miúdos, embora não fôssemos propriamente amigos nessa altura, por causa da diferença de idades. Conhecia-o de vista do clube de campo, quando os meus pais me obrigavam a sair com eles nas férias, em eventos de beneficência, coisas assim. Quando fui para a escola de Spencer Hill, ele foi bastante simpático: reconhecia-me nos corredores e cumprimentava-me nas festas — ajudando-me a ganhar alguma influência para sobreviver e vingar nas águas cheias de tubarões que são estas escolas.

— Deves estar aliviada por finalmente estares na faculdade com ele. Se fosse eu, andaria maluca a pensar no que ele estaria para aqui a fazer sozinho.

— Nós não somos assim — digo, enquanto penteio o cabelo. — O Preston não é do tipo que trai. Está focado na ideia da família e do plano, sabes?

— Qual plano?

Nunca me soou estranho até a Bonnie olhar para mim no espelho com uma sobrelha erguida.

— Bem, os nossos pais são amigos há anos, por isso, depois de já estarmos juntos há algum tempo, ficou mais ou menos implícito que acabaríamos por concluir o curso, casar, isso tudo. Sabes, o plano.

Ela fica a olhar para mim, a cara enrugada.

— E tu... estás na boa com esse plano?

— Porque não haveria de estar?

Foi quase literalmente assim que os meus pais acabaram juntos. E os pais deles. Sei que parece não estar muito longe da ideia de um casamento arranjado, como se fazia antigamente, e, honestamente, desconfio de que o Preston foi convencido a levar-me a sair da primeira vez. Ele era finalista. Eu era a aluna estranha do segundo ano que ainda não sabia alisar o cabelo. Mas, quer tenha sido inicialmente sugerido ao Pres pelos seus pais quer não, nenhum de nós se sentiu obrigado. Gostávamos genuinamente da companhia um do outro, e ainda gostamos.

— Se fosse eu, estaria bastante chateada se a minha vida tivesse sido planeada antes sequer do meu primeiro dia na faculdade. É como estragarem-me o filme quando estou na fila para as pipocas. — A Bonnie encolhe os ombros, aplicando *gloss* nos lábios. — Mas, olha, o que importa é seres feliz, certo?

CAPÍTULO 3

Cooper

Desde o tempo em que éramos miúdos estúpidos, a fazer corridas para cima e para baixo, descalços, nas dunas, agitando a areia em frente a mansões multimilionárias e fugindo da polícia, nós — os inadaptados, a juventude desperdiçada de Avalon Bay — temos uma tradição. O último domingo do verão acaba sempre numa festa à fogueira.

A única regra: é só para habitantes locais.

Esta noite, eu e o meu irmão gêmeo vamos acolher a ocasião na nossa casa de praia estilo chalé de dois andares que está na nossa família há três gerações — e nota-se. De construção irregular, a casa está em péssimo estado e a precisar de muitas obras, mas compensa pelo seu exterior rústico altamente encantador. Um pouco como os seus moradores, suponho. Embora o Evan seja, sem dúvida, o mais carismático dos dois. Eu consigo ser um mal-humorado de merda às vezes.

No terraço das traseiras, a Heidi aproxima-se de mim, pousando uma pequena garrafa de bolso no parapeito de madeira.

— Temos álcool lá em baixo. Aos montes — digo-lhe.

— Não é para isso que serve a garrafa de bolso.

Ela vira-se de costas para o corrimão, apoiando-se nos cotovelos. A Heidi tem uma maneira de ser muito particular. Nunca está satisfeita, os seus interesses são sempre inalcançáveis. Quando éramos

miúdos, esta foi uma das primeiras coisas que me atraiu nela. O seu olhar via sempre mais longe. Eu queria ver o que ela via.

— Então, para que é que serve? — pergunto.

— Sinto-me um bocadinho rebelde. Uma garrafa de bolso é um segredo.

A Heidi olha para mim com um sorriso malicioso a aflorar-lhe aos lábios. Esta noite aperaltou-se, pelo menos tanto quanto é possível aqui em Avalon Bay. Traz o cabelo encaracolado. Batom vermelho-escuro. Está a usar a minha velha t-shirt dos Rancid, que cortou para fazer um top, deixando ver o sutiã de renda preta. Esforçou-se bastante para ter este visual, no entanto, não surte efeito em mim.

— Não estás para aí virado, hã? — diz, ao perceber que não morde o isco.

Encolho os ombros. Porque é verdade, não estou com paciência para festas.

— Podíamos sair daqui. — A Heidi endireita-se, fazendo um gesto que diz *para ali*. — Vamos dar uma volta. Como quando roubámos as chaves da tua mãe, lembras-te? Fomos parar algures ao Tennessee, passámos a noite a dormir nas traseiras da carrinha.

— Fomos expulsos de um parque nacional por um guarda-florestal furioso às quatro da manhã.

Ela ri-se, tocando-me no braço com o cotovelo.

— Tenho saudades das nossas aventuras.

Bebo um gole da sua garrafa de bolso.

— Perde um bocado o encanto quando temos as nossas próprias chaves e já podemos beber legalmente.

— Juro-te que ainda podemos fazer muitas asneiras.

O brilho sedutor no seu olhar deixa-me triste. Porque costumávamos divertir-nos juntos, e agora parece forçado. Constrangedor.

— Coop! — Lá em baixo, no jardim, o meu irmão grita comigo. — Estás numa festa, meu. Anda cá para baixo.

A telepatia entre gémeos ainda funciona. A Heidi fica no terraço e eu dirijo-me lá abaixo, pegando numa cerveja a caminho da praia, onde me junto ao Evan e a outros amigos nossos, que estão ao pé da

fogueira. Enquanto eles passam a hora seguinte a trocar as mesmas histórias que contamos há dez anos, eu vou bebendo. Depois, o nosso amigo Wyatt organiza um jogo de futebol ao luar e a maioria das pessoas encaminha-se para lá, ficando apenas uns poucos junto à fogueira. O Evan está sentado na cadeira de madeira ao lado da minha, rindo-se de algo que a nossa amiga Alana acabou de dizer, mas hoje não estou a conseguir divertir-me. Sinto-me como se tivesse um bicho por baixo da pele, enterrando-se cada vez mais, mordendo-me a carne e depositando ovos de raiva e ressentimento.

— Meu. — O Evan dá um chute no meu pé. — Sai dessa, pá.

— Eu estou bem.

— Já — diz ele sarcasticamente. — Nota-se. — Pega na garrafa de cerveja vazia que eu segurava distraidamente e atira-me outra da geleira. — Há dois dias que andas com um feitio de merda. Percebo que estejas chateado, mas já não tem graça. Embebeda-te, fuma um charro. A Heidi anda por aí algures. Talvez ela se enrole contigo, se pedires com jeitinho.

Reprimo um murmúrio de desagrado. Este grupo não tem segredos. Quando eu e a Heidi dormimos juntos pela primeira vez, mal tínhamos tirado as remelas dos olhos quando, na manhã seguinte, já toda a gente sabia. O que só prova que foi má ideia ter acontecido. Enrolarmo-nos com amigos é querer arranjar problemas.

— Vai-te lixar, otário.

Do outro lado da fogueira, a Heidi atira-lhe um punhado de areia, mostrando-lhe o dedo do meio.

— Ups — diz ele, sabendo perfeitamente que ela estava ali sentada. — Desculpa lá.

— Sabes, é extraordinário — diz a Heidi no seu tom neutro, que é um aviso flagrante de que está prestes a arrancar-nos os tomates. — Vocês os dois são gémeos idênticos, e, no entanto, Evan, eu nunca tocaria na tua pila, nem mesmo tendo tu a cara do Cooper.

— Toma — grita a Alana, rindo-se, ao lado da Heidi e da Steph. Aquelas três são o tormento absoluto de todos os rapazes da Bay desde o terceiro ano. Uma trindade pecaminosa de fogueira e terror.

O Evan reage com um gesto indecente, porque as respostas não são a sua especialidade. Depois, volta-se novamente para mim.

— Continuo a achar que devíamos esperar até aquele clone sair de casa e saltar-lhe em cima. As pessoas falam, Coop. Se souberem que tu deixas passar estas merdas, de repente, acham que qualquer um nos pode passar a perna.

— Foi uma sorte aquele idiota não ter apresentado queixa — observa a Steph. — Mas, se transformares isto numa guerra, ele pode mudar de ideias.

Ela tem razão. Não faz sentido eu não ter passado os últimos dois dias na prisão, tirando o facto de esse Preston ter ficado satisfeito em humilhar-me. Embora jamais admitisse a derrota, ainda estou irritado por ter sido despedido. O Evan tem razão: os Hartley não podem deixar passar estas merdas. Temos uma reputação na cidade. Se as pessoas pressentem alguma fraqueza, começam a ficar com ideias. Mesmo quando não temos nada, há sempre alguém a tentar tirar-nos isso.

— Afinal, quem era o tipo? — pergunta a Heidi.

— Preston Kincaid — avança a Steph. — A família dele é dona daquela propriedade gigantesca na costa, onde arrancaram aqueles carvalhos com duzentos anos, no mês passado, para construir um terceiro campo de ténis.

— Ui, eu sei quem é esse gajo — diz a Alana, o seu cabelo ruivo brilhante cintilando à luz da fogueira. — Há umas semanas, a Maddy estava a tomar conta do barco de *parasailing* do pai e levou-o a dar um passeio com uma miúda. Ele estava a tentar engatar a Maddy mesmo em frente da rapariga. Chegou a convidá-la para sair. Quando ela arranjou uma desculpa, estás a ver, porque ainda estava a tentar ganhar uma gorjeta, ele tentou convencê-la a fazerem um *ménage à trois* ali mesmo. A Maddy disse que quase o atirou borda fora.

— É mesmo nojento — diz a Steph, fazendo uma careta.

— Ora aí está. — O Evan abre mais uma lata de cerveja e bebe um gole. — Ele está a pedi-las. Se o fizermos baixar a bolinha, é serviço comunitário.

Olho para o meu irmão, curioso.

— Temos de nos vingar, meu. Ele tirou-te uns gramas de carne. E nós tiramos-lhe outros tantos.

Tenho de admitir que estou deseioso de vingança. Há dois dias que esta raiva está em ebulição nas minhas entranhas, a consumir-me. Trabalhar no bar não era a minha única fonte de rendimento, mas precisava desse dinheiro. Tudo aquilo para que trabalhei ficou bastante mais distante quando aquele palhaço fez com que eu fosse despedido.

Penso no assunto.

— Não posso rebentar-lhe a cara, senão vou preso. Não posso tirar-lhe o emprego, porque, fogo, como é óbvio, o gajo não trabalha. Nasceu com o cu num berço de ouro. Então, o que é que podemos fazer?

— Oh, pobre rapariga — diz a Alana subitamente, aproximando-se do nosso lado da fogueira para nos mostrar o seu telemóvel. — Estava a espreitar as redes sociais. Ele tem namorada.

Olho para o ecrã. Interessante. O Kincaid fez um post sobre ajudar a namorada a mudar-se para a sua residência na Garnet. O post inclui emojis de corações e todo o tipo de tretas superficiais e lamechas que são indícios de um traidor a tentar compensar.

— Porra — comenta o Evan, pegando no telemóvel e passando pelas fotos dos dois no iate horrível do Kincaid. — Ela até é gira.

Ele tem razão. O Evan amplia uma fotografia que mostra uma morena alta de olhos verdes e pele bronzeada vestindo uma t-shirt branca cortada, descaída num dos ombros, que revela a alça de um fato de banho azul. Por alguma razão, aquela estreita tira de tecido é mais sexy do que qualquer imagem pornográfica que já vi. É uma provocação. Um convite.

Surge uma ideia terrível na zona mais perversa do meu cérebro.

— Vais seduzi-la — diz o Evan, porque, apesar de sermos diferentes em muitas coisas, somos exatamente iguais.

O olhar da Alana brilha de malícia.

— Fá-lo.

— O quê, roubar-lhe a namorada? — pergunta a Heidi, incrédula. — Ela não é um brinquedo. Isso é...

— Uma excelente ideia — interrompe o Evan. — Caças a namorada do clone, esfregas-lhe isso na cara e depois acabas com ela.

— Que nojo, Evan. — A Heidi levanta-se e arranca o telemóvel das mãos da Alana enquanto continuam a discutir. — Ela é uma pessoa, sabes?

— Não, é um clone.

— Queres que ela acabe com o Kincaid, certo? Então, porque é que não o apanhamos a traí-la e lhe enviamos as provas para ela acabar com ele? O resultado é o mesmo — observa a Heidi.

— Não é a mesma coisa — defende o meu irmão.

— Como é que não é a mesma coisa?

— Porque não é. — O Evan aponta com o gargalo da garrafa na direção da Heidi. — Não basta o Kincaid perder. Ele tem de saber quem o derrotou. Temos de o fazer sofrer.

— O Cooper não tem de fazer com que ela se apaixone por ele — diz a Alana. — Basta seduzi-la o suficiente até ela deixar o namorado. Umas saídas, no máximo.

— Seduzi-la? Queres dizer ir para a cama com ela — diz a Heidi, revelando a verdadeira razão por que detesta este plano. — Mais uma vez, que nojo.

Noutro dia qualquer, talvez tivesse concordado com ela. Mas hoje não. Hoje, sinto-me zangado, azedo e ávido de sangue. Além disso, estaria a fazer um favor a esta miúda, salvando-a do Kincaid. Poupano-lhe uma vida miserável com um sacana traidor que apenas a trataria bem para lhe sacar 2,5 filhos antes de dedicar toda a sua atenção à sua amante.

Toda a vida me cruzei com tipos como o Preston Kincaid. Uma das minhas primeiras memórias é de estar no paredão, aos 5 anos, com o meu pai e o meu irmão, e sentir-me confuso por ver todas aquelas pessoas bem vestidas a falar com o meu pai como se ele fosse um bocado de merda de cão agarrada aos seus sapatos de vela. É bem provável que a namorada do Kincaid seja ainda pior do que ele.

A Steph levanta um potencial problema.

— Mas, se ele já anda a trair a namorada, até que ponto é que se importa com ela? Talvez não lhe faça diferença que ela acabe com ele.

Olho para o Evan.

— Ela tem razão.

— Não sei... — Contemplativa, a Alana estica-se sobre o ombro da Heidi para olhar para o telemóvel. — Pelas fotos, diria que estão juntos há uns anos. Aposto que esta é para a vida.

Quanto mais tempo a ideia anda às voltas na minha cabeça, mais convencido fico. Principalmente pelo olhar na cara do Kincaid quando perceber que o derrotei. Mas também porque, se eu não soubesse que ela era namorada do Kincaid, tentaria convidá-la para sair na mesma.

— Vamos tornar isto interessante — diz a Steph, cruzando o olhar com o da Alana e apercebendo-se das potencialidades deste plano. — Não podes mentir. Não podes fingir que estás todo apaixonado por ela, ou dormir com ela a não ser que seja ela a ter a iniciativa. Podes beijá-la. Mas não lhe podes dizer para acabar com ele. Tem de ser ideia dela. Senão, qual é a piada? Nesse caso, mais valia seguirmos o plano da Heidi.

— De acordo.

É quase injusto quão fácil isto vai ser.

— As omissões são mentiras. — A Heidi está furiosa. — O que é que te faz pensar que um deles vai descer da sua nuvem por causa de ti? — Enfurecida, ela dirige-se à casa, sem sequer esperar por uma resposta.

— Não liguês — diz a Alana. — Eu adoro este plano.

O Evan olha seriamente para mim, acenando na direção da Heidi.

— Tens de fazer alguma coisa em relação àquilo.

Talvez ele tenha razão. Depois de vários enrolanços, eu e a Heidi regressámos ao platónico e estivemos bem durante todo o verão. Mas, de repente, a maré mudou, e agora ela fica transtornada com frequência. Aparentemente, a culpa é toda minha.

— Ela já é crescidinha — digo.

Talvez a Heidi se sinta um pouco territorial, mas isso passa-lhe. Somos amigos desde o primeiro ano. Não pode ficar chateada comigo para sempre.

— Enfim. Em que é que ficamos em relação ao clone? — O Evan olha para mim, expectante.

Levo a garrafa de cerveja aos lábios e dou um gole rápido. Depois, encolho os ombros e digo:

— Vamos a isso.

ELA SEMPRE SEGUIU TODAS AS REGRAS... ATÉ O CONHECER.

Mackenzie Cabot é a típica boa rapariga que faz de tudo para agradar a toda a gente. Mas ela não é uma jovem comum. Não sonha com festas e rapazes, mas sim em ver singrar o negócio que iniciou na Internet, só que para isso terá de fazer a vontade aos pais e mudar-se para a pequena cidade de Avalon Bay, para terminar o curso na Universidade Garnet.

Com os planos para a sua vida futura já delineados, nada faria prever que o seu mundo pudesse vir a ser abalado. Mas tudo muda quando conhece Cooper, um rapaz da terra que irá pôr à prova a sua reconhecida capacidade de refrear o seu carácter mais impulsivo.

Só que... também Cooper é apanhado de surpresa pela personalidade de Mac, que em nada se assemelha à dos estudantes universitários ricos e pretensiosos que todos os anos está habituado a ver em Avalon Bay, e os dois tornam-se bons amigos.

O grande problema é que Mac não faz ideia do que levou Cooper a aproximar-se dela...

«Uma história deliciosamente sensual
com um inesperado carrossel de emoções.»

Vi Keeland, autora bestseller do *New York Times*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238698



9 789896 238698 >